

A VALORIZAÇÃO E O USO DAS PLANTAS MEDICINAIS PELOS IDOSOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

João Henrique Barbosa Neto ¹
Gabriel de Oliveira Gonçalves ²
Débora de Souza Lucena ³
Saulo Rios Mariz ⁴

RESUMO

O uso de plantas medicinais (PM) por idosos representa uma estratégia eficiente para o desenvolvimento de ações que visem o cuidado integral do usuário, principalmente quando se atenta à transição epidemiológica que o Brasil vivencia concomitantemente à sua transição demográfica. Diante disso, os profissionais de saúde devem buscar o conhecimento que os idosos detêm do assunto, para fundamentar ou refutar a recomendação do uso de PM juntamente dos trabalhos científicos, sendo esse o objetivo desse estudo. Os resultados mostraram que existem diferenças entre as espécies de PM utilizadas em cada região do país, assim como existem disparidades na atribuição da importância dessas espécies vegetais no cotidiano e no processo saúde-doença compreendido pelo usuário, além de problemas relacionados ao uso dessas PM pelo desconhecimento de alguns aspectos relevantes à sua utilização. Assim, é necessário que práticas educativas sejam postas em prática para disseminar o conhecimento e o uso racional de PM, bem como, é imprescindível que os profissionais busquem capacitações para promover um cuidado adequado com relação às PM.

Palavras-chave: Plantas medicinais, Idosos, Práticas integrativas.

INTRODUÇÃO

O processo da Revolução Científica que ocorreu no século XVII transformou o conhecimento, outrora empírico e naturalístico, em um conhecimento racional, objetivo e quantitativo, provocando muitas mudanças na sociedade como um todo, inclusive nos aspectos da relação saúde-doença, que passou a ser centralizada na medicalização e na supervalorização da promoção da saúde ao invés da prevenção da doença. Isso gerou, inclusive, mudanças na relação profissional-usuário do serviço de saúde, em se tratando da realidade do Brasil. Nota-se que foi e ainda é perceptível a disseminação de profissionais da saúde que não sentem

¹ Graduando do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, jhenriquebneto@gmail.com;

² Graduando do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, gabrieldeoliveirag@yahoo.com.br;

³ Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, deborasoouza22@gmail.com;

⁴ Docente dos Cursos de Enfermagem e Medicina (CCBS-UFCG). Doutor em Farmacologia. Tutor do Grupo PET – Fitoterapia. E-mail: sjmariz22@hotmail.com.

necessidade de acatar e respeitar o conhecimento e as impressões do cliente, e de usuários que desvalorizam seus conhecimentos empíricos pelo enaltecimento das tecnologias modernas. Reforça-se, então, um aspecto da cultura brasileira de valorizar o que é “do outro” e de inferiorizar o que é seu (LIMA et al., 2011). Esse processo ainda causa efeitos, sob a forma da globalização, que através dos anos interfere nos conhecimentos transmitidos e estabelecidos pelos ascendentes daqueles que constituem a sociedade contemporânea.

Dentro do contexto de aumento da demanda por medicamentos que as transições demográfica e, conseqüentemente, epidemiológica propõem, muito se tem discutido acerca do uso de plantas medicinais e de fitoterápicos, na perspectiva de que esses métodos representam estratégias viáveis para a população, em especial os idosos, já que tais artefatos terapêuticos simbolizam, na maioria das vezes, um baixo custo associado a um resultado efetivo, em muitos casos comprovado cientificamente. Nesse sentido, o Ministério da Saúde (MS) propôs ao longo dos últimos anos algumas iniciativas a fim de estimular tanto a pesquisa quanto o uso desses vegetais, como a Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos, evidenciando o avanço que o uso de medicamentos traria, para além do baixo preço, como necessidades de buscar novos medicamentos para problemas ainda não solucionados e de buscar novas opções de fármacos, tendo em vista o elevado grau de efeitos adversos que os medicamentos em geral produzem (SILVA et al., 2008).

A utilização das PM no Brasil surgiu com a integração cultural dos índios, dos negros e dos jesuítas, que, a seu modo, desenvolviam, aprendiam e cultivavam formas distintas de promover a cura para enfermidades à época (SILVA et al., 2008), e, através das gerações, esse conhecimento era repassado pela figura do idoso, ao passo que ainda hoje, com uma incidência bem menor, em certas comunidades – principalmente aquelas de zona rural e de baixa renda –, onde todas as relações que envolvem o processo saúde-doença se dão pelo uso de plantas medicinais ou de preparados a partir delas. Essa realidade reforça ainda mais a necessidade de investimento em pesquisas nesse sentido, bem como de um entendimento de que o conhecimento acerca do poder curativo das plantas não é apenas uma tradição que transita entre gerações familiares, mas sim uma ciência que vem sendo estudada, aperfeiçoada, aplicada e potencializada ao longo das décadas (OLIVEIRA et al., 2007).

A Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos (PNPMF) foi elaborada no ano de 2006, e atualizada no ano de 2016 com novas resoluções para atingir seus objetivos, que eram – e ainda são – incentivar pesquisas com as plantas medicinais, fomentando subsídios para seu uso adequado, bem como dos fitoterápicos (BRASIL, 2016), inclusive na própria Rede de

Atenção à Saúde (RAS) que engloba a Atenção Primária à Saúde (APS), de forma que a partir da instituição conjunta da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPICS), fitoterápicos e plantas medicinais, desde que previamente comprovada sua eficácia, poderiam não somente ser prescritos, mas também seriam preconizados pela equipe de saúde, fundamentando-se na ideia de que 80% da população mundial à época de sua elaboração utilizava plantas ou preparados a partir delas no contexto de APS para fins medicinais.

Perante a constatação de que o uso de PMs pelos usuários representaria uma excelente estratégia para as medidas de prevenção e de promoção em saúde preconizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), é necessário que profissionais da área de saúde se sensibilizem à forma como o idoso percebe a utilização dessas espécies vegetais para esses fins. Além disso, é imprescindível que se detenha conhecimento daquilo que está sendo recomendado para este usuário, ou referido pelo próprio, reafirmando a demanda de o profissional se capacitar nessa área para promover uma orientação adequada do uso de plantas pela população.

Diante dessa perspectiva, o presente estudo busca estabelecer quais são as principais plantas medicinais que os idosos utilizam, realizando a análise da finalidade para que eles utilizam, e também busca compreender a importância que tal grupo populacional atribui a esse uso em sua vida cotidiana.

METODOLOGIA

Consiste em um estudo delineado em uma revisão integrativa baseada na análise de produções bibliográficas focalizadas na temática a ser abordada. Para a elaboração da revisão integrativa, foram seguidos cinco estágios, de acordo com Whittemore e Knafl (2005): identificação do problema; pesquisa na literatura; avaliação dos resultados; análise dos resultados – que foi dividida em três fases – e, por fim, apresentação dos estudos selecionados.

O primeiro dos estágios determinou uma temática relevante, os objetivos do estudo, bem como a escolha das palavras-chave, culminando no questionamento a ser respondido no decorrer das próximas etapas: “Quais são as plantas medicinais utilizadas pelos idosos, para que são utilizadas e qual é o significado que essa parcela da população atribui a esses vegetais?”.

Para o levantamento dos artigos utilizados, já no segundo estágio, optou-se por utilizar três das principais bases de dados para ciências da saúde: MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e BDENF (Banco de Dados em Enfermagem). Após uma busca nos

Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), foram selecionados dois descritores que tinham relevância para a temática do estudo: “Plantas medicinais” e “Idoso”.

No terceiro estágio, estabeleceu-se como critérios para a seleção da amostra, por meio da utilização dos filtros de pesquisas nas próprias bases de dados: os resultados que tinham como assunto principal “Plantas medicinais”, como limite “Idosos”, e em inglês ou português. A coleta de dados foi realizada em abril de 2019, e, a partir da gradual adição dos filtros mencionados, foram encontrados 59 resultados.

O quarto estágio se deu pela análise dos resultados encontrados, obedecendo a três fases, que determinaram os critérios de inclusão e de exclusão: a priori, houve a leitura atenta aos títulos dos estudos identificados e a partir desse critério houve uma diminuição de 38 artigos que não atendiam ao objetivo da temática, obtendo-se, então, 21 estudos, onde entre esses, quatro eram repetidos, alcançando 17 que seguiram para a segunda fase, que tratou da leitura do resumo (*abstract*) dos previamente emergidos, sendo a partir daí, três escritos excluídos e 14 direcionados para a fase final do quarto estágio, que consistia em realizar a leitura integral do estudo e, por fim, decidir se ele responde, ou não, à pergunta norteadora da temática do estudo, tendo isso como critério para exclusão do mesmo. Além disso, também seriam excluídos os trabalhos que não fossem experimentais e que não tratassem da visão do usuário acerca da utilização das espécies vegetais.

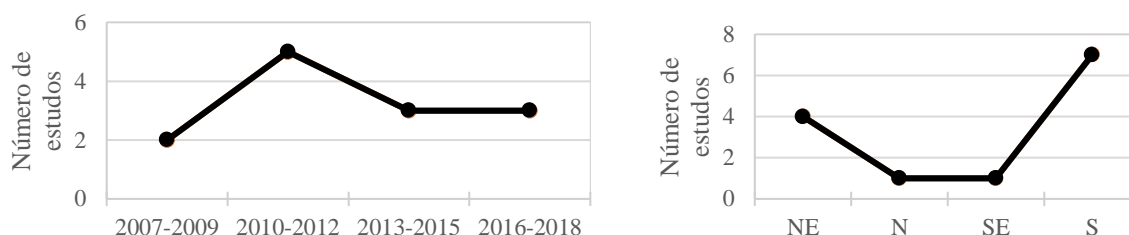
A partir da leitura dos 14 estudos selecionados, constatou-se que apenas um não obedecia aos critérios propostos e, então, seguiu-se para a quinta etapa, que consistiu em construir um instrumento, em forma de tabela, que registrasse os resultados escolhidos para a criação de categorias sistemáticas a fim de distinguir padrões, temas, variações e propriedades entre os estudos utilizados. Optou-se pela divisão regional dos artigos encontrados, levando-se em consideração as disparidades que tal divisão oferta.

O quinto e último estágio consistiu em estabelecer, através da análise do conteúdo, as categorias sistemáticas relevantes para o estudo e, assim, edificar a análise de literatura para a, seguinte, interpretação dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto à caracterização dos treze estudos, o triênio 2010-2012 foi o que obteve um maior número de publicações da temática, com cinco artigos (Figura 1). Já com relação à região do Brasil que o estudo focalizou, observou-se uma grande disparidade a favor da região Sul, que contemplou sete (53%) dos treze artigos (Figura 1).

Figura 1: Estudos acerca do uso e da valorização das plantas medicinais por idosos segundo o triênio e a região.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Os treze estudos selecionados estão apresentados no Quadro 1 e organizados segundo autor/ano, título do artigo, número de plantas medicinais citadas e região do Brasil onde foi realizada a pesquisa.

Quadro 1: Caracterização dos artigos selecionados.

Autor/ano	Título do artigo	Nº de plantas citadas	Região
1. Martins et al, 2016	Influence of the use of medicinal plants in medication adherence in elderly people	8	Nordeste
2. Wayland et al, 2014	Length of residence, age and patterns of medicinal plant knowledge and use among women in the urban Amazon	*	Norte
3. Ceolin et al, 2011	Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS	*	Sul
4. Albuquerque et al, 2010	The use of plants in the medical system of the Fulni-ô people (NE Brazil): A perspective on age and gender	*	Nordeste
5. Szerwieski et al, 2017	Uso de plantas medicinais por idosos da atenção primária	20	Sul
6. Pereira et al, 2016	Uso tradicional de plantas medicinais por idosos	15	Sul

	Pesquisa e atividades de extensão em fitoterapia desenvolvidas pela Rede FitoCerrado: uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos por idosos em Uberlândia-MG	6	Sudeste
7. Machado et al, 2014			
8. Balbinot et al, 2013	Reconhecimento e uso de plantas medicinais pelos idosos do Município de Marmeleiro – Paraná	20	Sul
9. Lima et al, 2012	Representações e usos de plantas medicinais por homens idosos	34	Sul
10. Feijó et al, 2012	Plantas medicinais utilizadas por idosos com diagnóstico de <i>Diabetes mellitus</i> no tratamento dos sintomas da doença	18	Sul
11. Oliveira et al, 2007	Plantas medicinais: usos e crenças de idosos portadores de hipertensão arterial	14	Nordeste
12. Lima et al, 2011	Plantas medicinais utilizadas pelos octogenários e nonagenários de uma vila periférica de Rio Grande/RS, Brasil	22	Sul
13. Silva et al, 2008	Uso de plantas medicinais pelos idosos em uma Estratégia Saúde da Família.	10	Nordeste

* Tais artigos não tinham a intenção de explicitar quais eram as plantas utilizadas pelos idosos.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Região Nordeste

A principal planta medicinal citada como utilizada pelos idosos nessa região foi a erva-cidreira (*Lippia alba* N.E Brown). Seu uso foi associado, principalmente, a problemas do trato gastrointestinal (dor de barriga, gases), do coração (hipertensão) e do sistema nervoso (dor, estresse, espasmos) (SILVA, 2008; MARTINS, 2016). Estudos científicos confirmam as ações anti-inflamatórias, analgésicas e sedativa citadas e ainda atribuem à planta ação antifúngica e antibacteriana – a principal das suas propriedades (NICOLAS, 2013), entretanto, a forma mais adequada de utilização das folhas da erva é realizando a sua infusão, contrariando 77,7% dos idosos que participaram do estudo de Oliveira (2007) em Fortaleza-CE, que ferviam as folhas juntamente com a água.

A segunda planta medicinal mais utilizada no Nordeste foi a colônia (*Alpinia speciosa* Schum). É utilizada para problemas do trato respiratório, dengue e cefaleia, agindo, assim, como antibactericida, anti-inflamatória, hipotensora e sedativa, sendo as quatro propriedades

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

comprovadas cientificamente (MAIA, 2011). A única precaução com relação a seu uso está no cuidado para que o excesso dos flavonóides responsáveis pela sua ação hipotensora não se acentuem e causem uma diminuição exacerbada da pressão arterial.

Capim-santo, ou capim-limão (*Cymbopogon citratus* Stapf) foi a terceira das plantas medicinais mais utilizadas na região, sendo descrita na literatura como uma planta de ação antiespasmódica, antisséptica, analgésica, antiinflamatória, e diurética, utilizada, então, de maneira adequada pelos idosos, que indicam e utilizam o capim-santo para “diarreia, hipertensão e dor de barriga” (SILVA, 2008, p. 13; NICOLAS, 2013).

Com relação à importância que os residentes dessa região atribuem ao uso de plantas medicinais, foi possível observar um amplo espectro, variando desde idosos que utilizam essas plantas medicinais diariamente como um remédio para alguma enfermidade, àqueles que utilizavam quando não tinham outra escolha – naquelas regiões onde não era preconizada a prescrição de plantas medicinais ou de fitoterápicos para a estabilização do quadro saúde-doença (MARTINS, 2016). O que se pôde observar mais ainda foi a falta de informação por parte dos entrevistados, seja pela forma incorreta do manejo da planta ou pelo desconhecimento da serventia daquele preparado, de forma que se observa a necessidade de não só estimular a utilização das plantas medicinais, mas também se faz necessário promover ações educativas a fim de elucidar o porquê de se utilizar tais plantas medicinais para os próprios usuários, rompendo com o paradigma da supremacia do profissional sobre o usuário (SILVA, 2008; OLIVEIRA, 2007). A pesquisa de Albuquerque (2010) evidenciou que uma organização não-governamental criada pelo grupo de índios da tribo “Fulni-ô” do município de Águas Belas-PE vem conduzindo, desde 2001, ações para transmitir o conhecimento tradicional e o uso de plantas medicinais para a população, culminando na criação de um “Serviço de Cuidado com Plantas Medicinais”, instituindo-o como o sistema de saúde da comunidade.

Regiões Norte e Sudeste

No estudo realizado por Wayland no estado do Acre – na zona urbana da Amazônia – em 2014, revelou-se que o conhecimento acerca das plantas medicinais era advindo principalmente dos nativos da região (índios ou caboclos) e majoritariamente por mulheres, que detinham tanto o conhecimento quanto uma grande frequência de utilização. Há uma forte crença (60-75% da amostra) de que espécies vegetais sejam melhores ou tenham a mesma eficácia do que medicamentos industrializados, corroborando para sua constante utilização, dependendo da exposição do usuário à zona – rural ou urbana.

O único estudo encontrado na região Sudeste, realizado por Machado no ano de 2014, trouxe que as principais plantas medicinais utilizadas pelos idosos eram o capim-santo (*C. Citratus* (DC.) Stapf), a hortelã (*Mentha sp.*) e o alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) e os idosos que reportaram o uso de espécies vegetais com finalidade terapêutica representou quase 80% da amostra do estudo, e dentre eles aproximadamente 60% referiu não informar ao profissional de saúde o uso das plantas medicinais, revelando um grave problema, ao se ter em vista que pode se dar a partir daí o surgimento de interações medicamentosas desagradáveis e danosas à saúde do usuário, além de trazer erros diagnósticos importantes antes ou após a utilização da planta. Faz-se necessário diante dessa realidade a disponibilização de informações não só sobre o papel e os benefícios da planta, mas também sobre a importância da atenção à polifarmacoterapia indevida ou desnecessária.

Região Sul

A planta medicinal mais utilizada nessa região é o guaco (*Mikania glomerata* Sprengel), principalmente para quadros relacionados ao trato respiratório – especialmente gripais – como expectorante sob a forma de decocção (PEREIRA, 2016; BALBINOT, 2013). De acordo com Czelusniak et al (2012), essa planta age como fluidificante da árvore traqueobrônquica, além de estimular a secreção, de modo que possa ser expulsa pelo reflexo da tosse.

Em seguida, teve-se a hortelã (*Mentha piperita* L.) como a segunda planta medicinal mais utilizada no Sul, indicada pelos entrevistados para verminoses, gripes e problemas digestivos (PEREIRA, 2016), e além dessas finalidades, a literatura ainda traz que a hortelã tem efeito antiemético, provoca apetite e estímulo das funções hepáticas, tem ação espasmolítica, atividade antisséptica, expectorante e estimuladora do sistema nervoso central, além de funcionar como um poderoso analgésico, antibiótico e antifúngico (NICOLAS, 2013).

Entre as espécies citadas, a terceira mais utilizada nessa região foi o boldo (*Plectranthus barbatus* Andrews) e no estudo de Szerwieski (2017), a espécie foi referida como a utilizada para tratar afecções do trato gastrointestinal e para problemas no fígado. Os estudos científicos acerca da planta, ainda escassos, trazem que o cariofileno é o principal componente do seu óleo essencial, explicando o emprego do boldo para dores estomacais (BANDEIRA, 2011), entretanto, nada foi encontrado na literatura acerca das contribuições para fisiopatologias hepáticas conforme referiram as impressões dos idosos estudados por Szerwieski.

Quanto à utilização e a importância atribuídas ao uso de plantas medicinais, observou-se que a sua utilização na maioria dos estudos feitos com os idosos residentes na região Sul tem traços de uma tradição histórica – principalmente por meio da figura da mulher na família –

embasada no respeito que é atribuído aos ancestrais e a suas recomendações, tais como “evitar o uso de plantas desconhecidas; nunca aumentar a dose de uma receita, nem usar internamente plantas recomendadas para uso externo” (LIMA, 2011, p. 1324). Apesar de ser dotado de impressões subjetivas e empíricas, o cuidado que se tem na utilização dessas espécies vegetais revela sua importância para a população idosa. No estudo de Lima (2012), encontrou-se que as plantas medicinais eram vistas como medicamentos não químicos, de maneira que apenas seus aspectos positivos são mencionados, comparando-se principalmente com os medicamentos industrializados. Isso evidencia, por vezes, uma falha no conhecimento dos usuários de preparados à base de plantas medicinais, já que faz parte da realidade a constatação de estudos que demonstram problemas relacionados à superdosagem e até mesmo efeitos adversos de espécies vegetais. Nesse cenário, sendo o profissional de saúde o protagonista do acesso à informação, é importante que ele detenha o conhecimento das plantas medicinais que são utilizadas pelos usuários e também das que são recomendadas para esses usuários, promovendo iniciativas de educação continuada dentro da própria APS e facilitando o vínculo, os estudos, bem como o aprimoramento pessoal dentro da temática (CEOLIN, 2011; FEIJÓ, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível identificar nesse estudo uma grande variação de espécies de plantas comparando-se regiões distintas. Enquanto na região Nordeste, as principais plantas eram a erva-cidreira (para problemas do trato digestório, cardíacos e do sistema nervoso), a colônia (para problemas no trato respiratório) e o capim-santo (para problemas no trato gastrointestinal), no Sul eram o guaco (expectorante e fluidificante da árvore traqueobrônquica), a hortelã (para problemas dos tratos respiratório e digestório) e o boldo (para problemas do trato digestório).

Com relação ao significado que as plantas medicinais têm para os idosos, constatou-se que a principal simbologia que lhes é atribuída é o resgate da tradição histórica, principalmente na figura da mulher, de maneira que essa parcela da população faz uso de espécies vegetais para o tratamento de morbidades menores ou utilizam-nas diariamente para controle ou prevenção de enfermidades graves, como a hipertensão e o diabetes. Contudo, foi achado do estudo o frequente desconhecimento dos usuários sobre a utilização adequada de plantas medicinais, variando de uma manipulação ou uso inadequado até um armazenamento que inviabiliza a ação terapêutica esperada. Além disso, a falta de comunicação com o profissional de saúde e o

desconhecimento dos prejuízos que o uso descontrolado dessas espécies vegetais também revelam perigos relacionados ao uso de plantas medicinais.

Dessa forma, revelou-se que a forma mais eficaz de se promover uma assistência à saúde e uma prevenção adequada da doença por meio da utilização das plantas medicinais, que devem ter seu uso estimulado, é através da educação em saúde, logo, o profissional de saúde deverá buscar uma capacitação eficiente para atender às demandas da população e fomentar alternativas para a farmacoterapia biologicista e medicalizada que se pratica contemporaneamente. Também é necessário, nessa perspectiva, que haja um incentivo cada vez maior pela realização de testes científicos comprobatórios da eficácia de plantas medicinais relatadas, estimulando o avanço científico necessário para a evolução das práticas de prevenção e promoção em saúde relacionadas ao uso dessas plantas.

REFERÊNCIAS

LIMA, A. R. A.; VASCONCELOS, M. K. P.; BARBIERI, R. L.; HECK, R. M. Plantas medicinais utilizadas pelos octogenários e nonagenários de uma vila periférica de Rio Grande/RS, Brasil. *Rev. enferm. UFPE on line*. 2011 ago.;5(5):1319-326. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/handle/doc/910148>>. Acesso em 10 jun. 2019.

SILVA, F. L. A.; OLIVEIRA, R. A. G.; ARAÚJO, E. C. Uso de plantas medicinais pelos idosos em uma Estratégia de Saúde da Família. *Rev. enferm. UFPE on line*. 2008 jan./mar.; 2(1):9-16. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/5392/4612>>. Acesso em 10 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. *Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos*. Brasília, 2016. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_programa_nacional_plantas_medicinais_fitoterapicos.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006*. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Brasília, 2006. Disponível em: <<http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>>. Acesso em 24 mai. 2019.

OLIVEIRA, C. J.; ARAUJO, T. L. Plantas medicinais: usos e crenças de idosos portadores de hipertensão arterial. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. v.09, n. 01, p.93-105, 2007. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v9/n1/pdf/v9n1a07.pdf>>. Acesso em 09 jun. 2019.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. *Blackwell Publishing Ltd. Journal of Advanced Nursing*. 52(5), 546-553, 2005.

MARTINS, R. R.; FARIAS, A. D.; MARTINS, R. R.; OLIVEIRA, A. G. Influence of the use of medicinal plants in medication adherence in elderly people. *Int J Clin Pract*, march 2016, 70, 3, 254-260. Disponível em: <<http://doi.org/10.1111/ijcp.12773>>. Acesso em 25 mai. 2019.

NICOLAS, J. P. Manual de Plantas medicinales del altiplano de Guatemala para el uso familiar. *Groupe Clarins*. 1ª ed., dez. 2013. Disponível em: <<http://www.jardinsdumonde.org/wp-content/uploads/2016/03/MANUAL-DE-PLANTAS-MEDICINALES-GUATEMALAJDM.pdf>>. Acesso em 05 jun. 2019.

MAIA, M. O. N. Efeitos do óleo essencial *Alpinia speciosa* Schum., *Zingiberaceae*, no sistema nervoso e muscular. *Universidade Tiradentes*. Tese de Mestrado. Aracaju, 2011. Disponível em: <https://mestrados.unit.br/wp-content/uploads/sites/6/2016/05/2011_Mauricio_Oliva_Nascimento.pdf>. Acesso em 03 jun. 2019.

ALBUQUERQUE, U. P.; SOLDATI, G. T.; SIEBER, S. S.; RAMOS, M. A. et al. The use of plants in the medical system of the Fulni-ô people (NE Brazil): A perspective on age and gender. *Journal of Ethnopharmacology* 133;866-873. 2011. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378874110008068>>. Acesso em 26 mai. 2019.

WAYLAND, C.; WALKER, L.S. Length of residence, age and patterns of medicinal plant knowledge and use among women in the urban Amazon. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*. 2014, 10:25. Disponível em: <<http://ethnobiomed.com/content/10/1/25>>. Acesso em 04 jun. 2019.

MACHADO, H. L.; MOURA, V. L.; GOUVEIA, N. M.; COSTA, G. A. et al. Pesquisa e atividades de extensão em fitoterapia desenvolvidas pela Rede FitoCerrado: uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos por idosos em Uberlândia-MG. *Rev. Bras. Pl. Med.* Campinas, v. 16, n.3, p.527-533, 2014. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/tcdwfs>>. Acesso em 29 mai. 2019.

PEREIRA, A. R. A.; VELHO, A. P. M.; CORTEZ, D. A. G. et al. Uso tradicional de plantas medicinais por idosos. *Rev. Rene*. 2016 maio-jun; 17(3):427-34. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/3487>>. Acesso em 29 mai. 2019.

BALBINOT, S.; VELASQUEZ, P.G.; DÜSMAN, E. Reconhecimento e uso de plantas medicinais pelos idosos do Município de Mameleiro-Paraná. *Rev. Bras. Pl. Med.*, Campinas, v.15, n.4, supl.1, p.632-638, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/3487>>. Acesso em 26 mai. 2019.

CZELUSNIAK, K. E.; BROCCO, A.; PEREIRA, D. F.; FREITAS, G. B. L. Farmacobotânica, fitoquímica e farmacologia do Guaco: revisão considerando *Mikania glomerata* Sprengel e *Mikania laevigata* Schulyz Bip. ex Baker. *Rev. Bras. Pl. Med.*, Botucatu, v.14, n.2, p.400-409, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v14n2/22.pdf>>. Acesso em 03 jun. 2019.

SZERWIESKI, L. L. D.; CORTEZ, D. A. G.; BENNEMANN, R. M.; SILVA, E. S. et al. Uso de plantas medicinais por idosos da atenção primária. *Rev. Eletr. Enf.* 2017; 19:a04. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fen/article/view/42009>>. Acesso em 04 jun. 2019.

BANDEIRA, J. M.; BARBOSA, F. F.; BARBOSA, L. M. P. et al. Composição do óleo essencial de quatro espécies do gênero *Plectranthus*. *Rev. Bras. Pl. Med.*, Botucatu, v.13, n.2, p.157-164, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v13n2/v13n2a06.pdf>>. Acesso em 07 jun. 2019.

LIMA, S. C. S.; ARRUDA, G. O.; RENOVATO, R. D.; ALVARENGA, M. R. M. Representações e usos de plantas medicinais por homens idosos. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 20(4): [08 telas] jul.-ago. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2017.v22n8/2703-2712/>>. Acesso em 28 mai. 2019.

CEOLIN, T.; HECK, R. M.; BARBIERI, R. L.; SCHWARTZ, E. et al. Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. *Rev. Esc. Enferm. USP*. 2011; 45(1):47-54. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/33n73m>>. Acesso em 26 mai. 2019.

FEIJÓ, A. M.; BUENO, M. E. N.; CEOLIN, T.; LINCK, C. L. et al. Plantas medicinais utilizadas por idosos com diagnóstico de *Diabetes mellitus* no tratamento de sintomas da doença. *Rev. Bras. Pl. Med.*, Botucatu, v.14, n.1, p.50-56, 2012. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/3c5zn2>>. Acesso em 26 mai. 2019.